

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT05.004

# FORMAÇÃO EDUCACIONAL E CULTURAL: UMA ANÁLISE SOBRE O AUTORITARISMO, O FASCISMO E A SUBJETIVIDADE

Gabriela Massarra Santos Heine<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo propõe uma análise crítica sobre a influência do autoritarismo na formação educacional e cultural, bem como suas ramificações na ressurgência de práticas fascistas na sociedade contemporânea. Partindo de uma reflexão sobre a educação emancipatória, são discutidos os desafios enfrentados no processo de emancipação dos pensamentos e ações individuais. Destacam-se exemplos recentes de líderes políticos alinhados com princípios fascistas, como Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil, para ilustrar a relevância dessa discussão. O referencial teórico deste trabalho fundamenta-se no epítome da obra *Crítica do Fascismo* de Alysso Leandro Mascaro, onde são exploradas diversas manifestações do fascismo, tais como o culto à masculinidade, distorções sobre a educação sexual e paranoias políticas propagadas por setores conservadores. Além disso, o artigo examina a lógica neoliberal e suas tentativas de distorcer noções como empreendedorismo para perpetuar relações de poder sob uma nova roupagem. Argumenta-se que o capitalismo promove o fascismo ao ampliar seu domínio sobre as pessoas, resultando na desumanização da sociedade. Finalmente, são apresentadas reflexões sobre a espetacularização da vida cotidiana e seu papel na manutenção do poder do capital sobre as massas. Este estudo conclui ressaltando a importância da educação emancipatória na luta contra o autoritarismo e o fascismo, bem como na promoção de uma sociedade mais justa e livre. Destaca-se a necessidade de repensar as relações de poder e subjetividade, buscando formas de resistência e transformação social.

**Palavras-chave:** Autoritarismo, Fascismo, Educação, Transformação, Sociedade.

1 Doutoranda e bolsista CAPES do curso de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; [gabimassarra@hotmail.com](mailto:gabimassarra@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Desde a década de 1920, o nazifascismo tem sido objeto de intensas análises e críticas no âmbito acadêmico e político. Essa ideologia, frequentemente considerada uma manifestação “legítima” de uma minoria que busca proteger padrões de comportamento em meio a uma massa preocupada com a moralidade, levanta questões complexas sobre as dinâmicas sociais e econômicas que a sustentam. Entre os defensores dessa visão, destacam-se representantes da Igreja, especialmente neopentecostais, além de militares e grupos conservadores da burguesia, que temem a perda de influência em uma sociedade em transformação.

Contrapõe-se a essa perspectiva a maioria das análises críticas, que vê o nazifascismo como uma chaga na história, nascida e alimentada pela própria burguesia. Neste contexto, figuras como Alysson Leandro Mascaro propõem reflexões que vão além das superficialidades morais, categorizando diferentes abordagens sobre o fascismo e oferecendo uma crítica materialista que o insere no contexto do capitalismo.

A análise do fascismo demanda uma compreensão profunda de suas raízes econômicas e sociais. As abordagens liberais e moralistas, frequentemente, falham em capturar a complexidade desse fenômeno, concentrando-se nas instituições políticas e jurídicas como se fossem salvaguardas. Essa visão ignora o fato de que tais instituições são, muitas vezes, produtos do mesmo sistema que alimenta o fascismo, perpetuando um moralismo que trata as subjetividades formadas sob o capitalismo como características intrínsecas da natureza humana.

A crítica liberal, ao se transformar em moralista, defende as instituições políticas burguesas como fundamentais para a manutenção da ordem social, propondo soluções que não vão além da ética. Exemplos emblemáticos dessa abordagem incluem a análise de Hannah Arendt, que introduz o conceito de “banalidade do mal” para descrever como o mal se torna comum, diluindo a responsabilidade individual. Ao comparar nazismo e bolchevismo, Arendt enfatiza uma luta pela moralidade, desviando o foco da luta pelo poder.

Mascaro argumenta que, para entender o fascismo de maneira adequada, é necessário adotar uma perspectiva materialista que ressalte a relação intrínseca entre fascismo e capitalismo. Para ele, o marxismo é uma ferramenta essencial para desvendar as causas do fascismo, demonstrando que as instituições não são salvadoras e que a subjetividade é moldada para a exploração e opressão.

Assim, o fascismo é entendido como uma possibilidade inerente ao capitalismo, emergindo de suas crises e contradições.

As críticas marxistas ao fascismo são variadas, mas compartilham a premissa de que a sociabilidade é determinada pelo modo de produção. Nesse sentido, as instituições são vistas como ferramentas da classe dominante, que controla a propriedade privada dos meios de produção. Essas análises, frequentemente ignoradas por abordagens liberais e progressistas, revelam a essência das relações socioeconômicas que sustentam a dinâmica fascista.

Dentro desse contexto, as análises juspositivistas, que predominam nas críticas liberais, fundamentam-se na defesa do individualismo burguês e no papel do Estado como garantidor da ordem. No entanto, essas abordagens desconsideram a determinação econômica das relações sociais, relegando o fascismo a um mero problema político e moral, sem compreender suas raízes estruturais. As soluções propostas pela crítica liberal tendem a ser superficiais, como o esclarecimento dos eleitores ou a repressão a fraudes, desconsiderando o impacto das condições socioeconômicas que alimentam esse fenômeno.

Mascaro propõe três caminhos para compreender o fascismo: as análises juspositivistas, as não juspositivistas e as críticas marxistas. Ele argumenta que o marxismo oferece uma leitura crítica e materialista que conecta o fascismo ao capitalismo, permitindo um diagnóstico mais preciso sobre suas manifestações e contribuindo para o entendimento das suas raízes.

No que diz respeito às análises não juspositivistas, Mascaro observa que muitas críticas acabam legitimando o fascismo ao apresentar o socialismo como seu inimigo principal. Essa abordagem desvia a atenção das causas estruturais que geram o fascismo, perpetuando a ideia de que ele é uma solução para problemas sociais mais profundos. Assim, torna-se evidente que o estudo do fascismo não pode ser limitado a questões morais ou institucionais; é imprescindível considerar a totalidade das relações socioeconômicas que sustentam esse fenômeno.

Dito isso, este artigo propõe, portanto, uma análise crítica da influência do autoritarismo na formação educacional e cultural, investigando como essas dinâmicas contribuem para o ressurgimento de práticas fascistas na sociedade contemporânea. Com base na obra *Crítica do Fascismo*, de Alysso Mascaro, exploraremos manifestações do fascismo, incluindo o culto à masculinidade e as distorções na educação sexual.

Os objetivos principais deste estudo são analisar as influências do autoritarismo na educação e na cultura, investigar as ressurreições do fascismo nas práticas sociais atuais e promover reflexões sobre a subjetividade no contexto do autoritarismo, enfatizando a urgência de uma educação emancipatória. A pesquisa busca, assim, refletir sobre os desafios de uma nova educação e o seu processo de emancipação do pensamento e das ações individuais.

Para ilustrar essas questões, discutiremos exemplos de líderes políticos contemporâneos, como Donald Trump e Jair Bolsonaro, que personificam princípios fascistas. Além disso, a pesquisa examinará a lógica neoliberal que distorce conceitos como empreendedorismo, utilizando-os para perpetuar relações de poder.

A urgência de discutir sobre o autoritarismo e o fascismo se justifica pela relevância do tema atualmente, especialmente em contextos políticos que ameaçam a emancipação e os direitos individuais. Este estudo destaca a importância de reavaliar as relações de poder e a subjetividade, com o intuito de promover mudanças sociais significativas.

Concordamos que o modo de vida capitalista, ao expandir seu controle sobre as pessoas, alimenta o fascismo e resulta na desumanização da sociedade. Portanto, esta pesquisa oferecerá reflexões sobre a espetacularização da vida cotidiana, destacando seu papel fundamental na perpetuação do poder do capital sobre as massas. Em conclusão, enfatizaremos a urgência de repensar as relações de poder e subjetividade, buscando formas de resistência e transformação social que sejam capazes de confrontar essas ameaças contemporâneas.

Dessa forma, a análise crítica proposta neste trabalho não só busca compreender as dinâmicas do fascismo, mas também contribuir para o fortalecimento de estratégias de resistência, promovendo uma educação que emancipe e capacite os indivíduos a agir de forma consciente e crítica diante das realidades que os cercam.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada no texto combina uma análise teórica e crítica, empregando a psicanálise e a teoria marxista como ferramentas para entender a subjetividade sob o fascismo. Os autores principais mencionados, como Wilhelm Reich, Theodor Adorno e Herbert Marcuse, fornecem um arcabouço teórico que permite a exploração das interações entre a repressão sexual, a ideologia

autoritária e as estruturas econômicas. A obra de Reich é especialmente destacada pela análise da psicologia de massas e da relação entre desejo e repressão, enquanto Adorno e Horkheimer discutem a relação entre racionalidade e fascismo. A abordagem crítica busca demonstrar como a ideologia e a repressão sexual moldam a subjetividade das classes sociais e como essas dinâmicas se manifestam nas práticas sociais.

A respeito da compreensão do fascismo e da subjetivação sob a ótica da psicanálise, na obra *Crítica do Fascismo* de Alysso Mascaro, há uma referência à compreensão da subjetividade e da ideologia no fascismo, especialmente em relação à escola de Frankfurt. Neste ponto, observamos a análise em dois eixos: o primeiro eixo podendo ser chamado de freudmarxismo, onde em parte o pensamento de Karl Marx e Sigmund Freud são acoplados, porém essa dinâmica representou uma novidade e até mesmo estranhamento tanto no seio do marxismo quanto na psicanálise.

Seus primeiros teóricos foram Erich Fromm e Wilhelm Reich e essa vertente freudmarxista identifica no fascismo um dos plexos fundamentais de caráter autoritário. Posteriormente surge o segundo eixo abrindo uma vertente que visa perceber o fascismo sob a ótica em conjunto da psicanálise e crítica do capitalismo. Seus principais teóricos desta segunda vertente foram Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse.

Wilhelm Reich em sua obra *Psicologia de massas do fascismo*, analisa a ideologia autoritária chegando em questões como a da economia sexual da família autoritária, que apresenta uma base sociológica em Marx e psicológica em Freud, para buscar uma ciência da psicologia de massas e da sociologia sexual. Neste contexto, Reich investiga a funcionalidade da política sexual. Isto significa dizer, que a proposta reichiana percebe que a base do fenômeno nazifascista alcança as raízes do desejo e da repressão. Veja:

Reich propõe que os fundamentos do interesse de classe burguês (ideologia objetiva) são internalizados e reelaborados com base em pulsões de prazer e repressão dos indivíduos (ideologia subjetiva). Assim, o fascismo não estabelece uma linha direta de imposição de uma força política contra os sujeitos, mas uma dinâmica de construção recíproca com base em coesões entre interesses e pulsões. (MASCARO, 2022, pg.29)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em citação, a sociologia da economia sexual questiona quais seriam os motivos que a sexualidade é reprimida na sociedade e recalçada pelo indivíduo? Mas a psicanálise chega à conclusão de que “a combinação da estrutura socioeconômica com a estrutura sexual da sociedade e a reprodução estrutural da sociedade verificam-se nos primeiros quatro ou cinco anos de vida, na família autoritária” (MASCARO, 2022, pg.29), encontramos neste momento, uma estrutura autoritária do homem em nossa sociedade, que se faz presente por conta das inibições e medos sexuais das suas pulsões. Teríamos aqui um mecanismo que remete para o inconsciente daquilo que foi negado, como os afetos e emoções que são considerados repugnantes para este indivíduo. E o resultado deste recalque é o conservadorismo, o medo de ser livre, a mentalidade e comportamentos reacionários.

Nesta investigação reichiana em unir a ideologia objetiva (o marxismo) e subjetiva (a psicanálise), permite compreender que o núcleo da fascistação está na repressão sexual. Para explicitar este aspecto, Mascaro discorre de um pensamento na perspectiva da cadeia de poder e da fruição capitalista e analisa a posição intermediária em que se encontra a classe média, que nas palavras dele “são forjadas por famílias fundadas em uma ideologia antigenital” (MASCARO, 2022, pg.30) revelando submissa a classe alta e julgando ter superioridade sobre a classe baixa, ao que segundo ele se revelam com tendências sadomasoquistas e neuróticas. Da mesma forma o nazismo incorpora conceitos sociais como honra, dever, pureza racial e nação, juntamente com a figura do militar uniformizado, alinhando-se com a repressão sexual em sua base e satisfazendo a libido reprimida.

O mesmo processo acontece na classe baixa, ainda que em graus diferentes, a ideologia burguesa e sua repressão sexual possui influência em suas perspectivas individuais. Desta forma, o fascismo alcança toda a sociedade.

É crucial reconhecer essa contradição e compreender como o fator reacionário, o fator revolucionário e progressista coexistem e se antagonizam. Da mesma forma é aplicável ao cidadão de classe média. É possível que em períodos de crise, ele se revolte contra o sistema. No entanto, o que é mais difícil de entender, sob o ponto de vista econômico é que, mesmo vivendo em condições precárias, ele pode vir a resistir ao progresso e adote atitudes extremamente reacionárias. Aqui também podemos perceber a contradição entre sentimento de

revolta e adesão a objetivos reacionários. Tanto a moralidade sexual, que inibe o desejo de liberdade, quanto as forças que sustentam interesses autoritários, tem origem na sexualidade reprimida.

No entanto, podemos compreender um aspecto fundamental do impacto da ideologia sobre a base econômica: a repressão sexual altera a estrutura do indivíduo oprimido, fazendo com que ele passe a agir, sentir e pensar contra os seus próprios interesses materiais. Do ponto de vista econômico, o cidadão de classe média não se encontra em situação muito melhor do que o trabalhador manual. Portanto, ele busca diferenciação em sua vida familiar e sexual como forma de compensação para suas privações econômicas, recorrendo ao moralismo sexual.

Neste jogo entre fatores econômicos e estruturais, a família autoritária emerge como a principal fonte de reprodução do pensamento reacionário, agindo como uma fábrica onde a ideologia e a estrutura reacionária são produzidas. A “proteção da família”, ou seja, da família autoritária, constitui o princípio fundamental por trás de toda política cultural reacionária, sob o pretexto de “proteger o Estado, a cultura e a civilização” (MASCARO, 2022, pg. 31).

Por outro lado, posteriormente no segundo eixo, temos dois pensadores da escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer que diferentemente do freudmarxismo de Reich, Adorno percebe inadequado as contradições das pulsões. É possível encontrar em *Dialética do esclarecimento*, a ideia em que razão, desejo e repressão estão integrados nas estratégias de acumulação. O fascismo é compreendido por ambos os pensadores:

não como uma oposição ao iluminismo ou à racionalidade contemporânea, mas como uma de suas manifestações necessárias. A decadência da família patriarcal não possibilitou, na sociedade capitalista, o surgimento de personalidades não autoritárias. (MASCARO, 2022, pg.31)

Antes, indivíduos de caráter fragilizado são atraídos pela influência de figuras como a da liderança nazista. No fascismo, ocorre um retrocesso psicológico não apenas na substituição do pai pela figura do Führer, mas também na identificação narcísica do indivíduo “com o objeto fascista idealizado no qual ele se espelha tanto na projeção de força quanto na de vulnerabilidade” (2022, pg.31). Desta forma, o líder fascista não é tão diferente de seus liderados.

No contexto da competição entre Estados, os fascistas demonstram não apenas a capacidade de cometer erros, mas também exibem característi-

cas como miopia intelectual, obstinação, falta de compreensão das dinâmicas econômicas e, acima de tudo, uma incapacidade de reconhecer e considerar aspectos negativos ao avaliar a situação como um todo. Essas características também contribuem subjetivamente para a catástrofe que, em seu íntimo, sempre estiveram predispostos a provocar.

Algumas características sobre a materialidade do movimento fascista são discorridas no texto sobre a sua subjetivação. Dentre elas, Mascaro retoma a ideia que o movimento fascista não rompe, mas mantém as condições de reprodução da exploração capitalista; proporciona aos fascistas o gozo da mimese enquanto liberação permitida, neste sentido podemos perceber que faz parte da fórmula fascista as cerimônias ritualísticas, os uniformes e todo o complexo aparato que aparenta ser irracional, mas que facilita o comportamento imitativo, além dos símbolos cuidadosamente projetados enquanto característica típica de um movimento contrarrevolucionário.

Outra característica do movimento fascista denota em suas raízes uma falsa projeção, que diferente da mimese genuína se relaciona com a mimese que foi reprimida, provenientes de desejos recalcados por figuras que passam a ser odiadas. Neste caso, os impulsos que o indivíduo não consegue reconhecer como seus, mas ainda assim lhe pertencem, são atribuídos ao objeto, ou vítima em questão. Esse comportamento projetivo é adotado pela política, aplicado em sua realidade e o sistema alucinatório se torna a norma racional no mundo. Essa é uma artimanha adotada, que difere do paranoico comum que não tem opção de escolha, mas faz parte de sua condição doentia.

Porém o aspecto patológico no antissemitismo não se encontra neste modus operandi projetivo, mas na ausência de reflexão que o caracteriza. O sujeito não consegue mais devolver ao objeto o que projetou, ocasionando em um empobrecimento da sua capacidade de refletir sobre o objeto e sobre si mesmo, perdendo a habilidade de discernimento. Ao invés de escutar a sua consciência moral, ele escuta vozes, não realiza uma autocrítica sobre a sua ambição de poder e atribui a outros o que Adorno e Horkheimer vem a chamar de “protocolos dos sábios de Sião” (2022, pg.33).

Durante o período de exílio nos Estados Unidos de Adorno, ele organizou pesquisas empíricas voltadas para o estudo do fascismo e do seu caráter autoritário, visando compreender a manifestação do autoritarismo dentro da sociedade burguesas nos Estados Unidos, identificando traços e tendências autoritárias em diversos grupos da sociedade estadunidense. Em seus estudos, Adorno sugere

ria que o potencial fascista estava intrinsecamente presente no capitalismo de orientação liberal.

Com a crítica ao capitalismo e resgatando que a contradição entre desejo e repressão não permitiria a sociedade a sua devida transformação, Marcuse constrói uma leitura particular sobre a subjetividade fascista. Ainda sob uma perspectiva de união entre marxismo e psicanálise, mas diferenciando-se de Adorno e Horkheimer, Marcuse acreditava que uma mudança revolucionária seria possível partindo dos “impulsos do desejo das massas deserdadas do capitalismo – a grande recusa da sociabilidade burguesa como instrumento de transformação” (2022, pg. 34).

Entretanto, durante o século XX, ao invés de seguir uma orientação libertária, a força da política erótica foi empregada com notável eficácia pela reação nazista, provocando uma alteração significativa no cenário político e social para preservar os elementos essenciais da reprodução do sistema capitalista.

Marcuse percebia que, tal como depois se deu com a revolução sexual, o nazismo abria formas eróticas que, no entanto, eram afirmadas como pervertidas ou esterilizadas, ainda autoritárias e repressoras mesmo que num primeiro momento parecessem liberadoras em relação a velhas repressões, tudo isso em benefício da dominação e da reprodução capitalista. Desejo e repressão eram plexos decisivos das estruturas sociais burguesas, de potenciais necessariamente reacionários. (2022, pg. 35)

## **FASCISMO, SUBJETIVIDADE JURÍDICA E TEORIAS MARXISTAS SOBRE O FASCISMO NO TEMPO**

Em uma conferência, organizada pelo grupo de pesquisa da faculdade de direito da USP, Alysson Mascaro visa pensar a subjetividade jurídica com relação ao fascismo. Segundo o jurista, o direito desempenha um papel central na construção da dinâmica de produção em que o capitalismo se constrói. Podemos pensar da seguinte forma: no trabalho assalariado o trabalhador vende a sua força de trabalho e o empregador adquire a sua força desta compra, nesta relação estabelece um contrato e com isso cria um vínculo jurídico. No entanto, sua subjetividade não se baseia apenas na força física como acontecia no escravismo ou no feudalismo, mas a coerção opera por meios de acordos contratuais e processos legais. Sendo assim, o direito desempenha um significativo papel na reprodução do capitalismo.

Na obra *O capital*, Marx destaca que as mercadorias são essenciais na sociabilidade capitalista e que elas se trocam por si mesmas, elas precisam de agentes econômicos que façam esta troca, ou seja, as pessoas, o que torna necessário compreender a maneira pela qual as pessoas realizam esta troca, especialmente como o trabalhador troca a sua força de trabalho por um salário.

No livro *Teoria Geral do Direito e Marxismo*, Evguiéni B. Pachukanis entende que o ponto decisivo na relação capitalista não reside nas normas legais que determinam quem pode ou não fazer algo. Mas na sua subjetividade jurídica. Por exemplo, quando as pessoas estão envolvidas em relações de exploração, uma explorando a outra, ou em acordos contratuais de compra e venda, elas assumem uma forma de subjetividade jurídica. Isso significa dizer que existe uma equivalência tanto do capitalista extremamente rico, quanto do trabalhador paupérrimo, são tidos como iguais perante a lei, um aceita ser subordinado e o capitalista aceita a subordinação do trabalhador em troca de um salário. Um aceita os termos do outro, não mais pela força, embora isso ainda venha a existir, mas, no cerne da questão, elas se submetem umas às outras através do direito.

Mascaro acredita que a subjetividade jurídica é o ponto central do pensamento crítico sobre a sociedade. Ao fazer a crítica ao direito, ele propõe fazer também a crítica ao Estado, pois ele entende que não existe aqui um território neutro, que o Estado não é imparcial, disponível tanto para o capital como para as classes trabalhadoras, onde quem detém o poder pode simplesmente impor suas vontades, mas ao contrário, o Estado representa a expressão política do capital.

O Estado é a forma política do capital. Isso dói na compreensão do senso comum, isso incomoda uma leitura que muitas vezes é até progressista, mas que defende apenas mais direitos, políticas públicas ou políticas de Estado para garantir o remendo de um problema, o aumento de condições a um grupo, a um movimento, mesmo a uma classe. Muitas vezes, essa visão de senso comum não percebe a contradição e o limite que é tentar operar o maquinário, que não é neutro, mas é criado e constituído pelo e para o capital. (2022, pg. 107)

A força determinante da nossa sociedade é a força do capital, a forma do Estado e a forma do direito são apenas derivações da forma mercadoria, que se transforma em forma valor, o alicerce da organização capitalista. Como disse Horkheimer “quem não quer falar de capitalismo deveria também se calar sobre

o fascismo” (2022, pg. 36-37), pois o fascismo não está isolado, ele é um fenômeno do capitalismo.

Não podemos afirmar que o fascismo surgiu porque o direito falhou, já que ele é uma forma do capital, e pode levar ao fascismo quanto não. A diferença está quando o capital opta por explorar com o fascismo ou sem recorrer ao fascismo e o direito é flexível para servir ambos os cenários. Essa escolha não é apenas uma preferência dos burgueses, mas uma estratégia de exploração e lucro. Se o capital perceber que pode obter maior valorização em um ambiente institucional considerado liberal, democrático e não fascista, ele seguirá por esse caminho. No entanto, se o ambiente denota um obstáculo para a acumulação de capital, ele segue pelo caminho do fascismo para atingir os seus objetivos de acumulação.

Existe um texto de Ernst Bloch que chama *Erbschaft dieser Zeit*, ainda hoje sem tradução para o português, mas a tradução do seu título poderia ser “Herança deste tempo” ou “Herança desta época”. Nesta obra, Bloch tenta compreender como pôde emergir a sociabilidade nazista. Ele sinaliza que existam na sociedade alemã (assim como na sociedade capitalista), uma estrutura temporal em esferas e camadas, onde existem pessoas culturalmente ancoradas na época feudal, ainda que vivam no século XX. Bloch indica que existem alemães que estão culturalmente ancorados na época feudal, mas que vivem no século XX.

Suas cidades perdidas lá no interior da Alemanha têm relações feudais, seus pais viviam relações servis, faz muito pouco tempo que deixaram de ter condicionamento social servil, e basicamente sua mentalidade persiste como servil; são religiosos, de um religiosismo primitivo, separando o mundo entre bem e mal. (2022, pg.113)

Porém, esta visão não é a mesma para aqueles que residiam em Berlim na década de 1920 que experimentaram um florescimento cultural, assim como uma notável liberação dos costumes, inclusive em relação à sexualidade e ao erotismo. Então, dentro do mesmo país que experimentava avanços progressistas, coexistiam massas de pessoas em uma temporalidade praticamente feudal.

Bloch observava que, frequentemente, os movimentos sociais não percebiam que setores inteiros da sociedade estavam desconectados da dinâmica histórica do capitalismo avançado. No entanto, o nazismo compreendeu essa situação e conseguiu conquistar os setores mais atrasados da sociedade. Enquanto o marxismo concentrava esforços do proletariado de vanguarda, dis-

posto em sindicatos, seguia em disputar a sociedade com a questão: “Como é possível que os demais trabalhadores da Alemanha prefiram defender seus patrões a defender o sindicato? E os marxistas não entendiam como é que o pobre alemão era de direita” (2022, pg. 113).

Existem alguns textos de Bloch que apresentam análise notáveis para explicar as contradições na situação alemã. Mas ele salienta que ao focar apenas uma destas contradições, não conseguimos compreender de forma efetiva que vários setores da população alemã ainda estavam ancorados por questões religiosas e preconceitos antisemita (reforçado na Alemanha Cristã), Estes setores mobilizados por questões religiosas, servia como uma base organizacional conservadora predisposta para a ascensão do fascismo.

Não bastava emitir as mensagens para a vanguarda militante, era preciso envolver os anseios e esperanças de toda a população ou ao menos da maioria que havia sido deserdada pelo progresso civilizacional. Ernst Bloch, compreendeu que avaliávamos e mobilizávamos mal a sociedade ao esperar que as pessoas compreendessem o que eram “perdas de guerra”, mais-valor, exploração. Esses conceitos eram abstratos e o que elas entendiam era “que havia um Deus, o cristão estava com Deus e o Judeu não estava. Esse era o páthos, o sentimento popular” (2022, pg. 13). Este é um reflexo da lacuna entre a linguagem popular e o discurso progressista. Bloch dizia que, ao nos prendermos em aspectos técnicos, não mobilizaríamos as massas de maneira eficaz. Para isso seria preciso tocar o âmago de seu entendimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto de nós viemos de uma educação familiar, escolar e culturalmente autoritária? “Engula o choro”, “faça o que eu digo e não faça o que eu faço”, “enquanto estiver debaixo do meu teto quem manda sou eu”, tapas e beliscões incompreendidos. Educar para emancipar os pensamentos e, conseqüentemente as ações é trabalhoso e demanda tempo. O autoritarismo amputa esse processo, que inicia com a reflexão, e desta forma acabamos por ser guiados por outras pessoas, que podem ser essas figuras autoritárias. Como diria Freire, “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”, e desta forma só perpetuamos o ciclo fascista. Quando estamos pautados por uma educação que não emancipa, construímos relações cheias de equívocos, distorções e contradições.

Cem anos após o surgimento do nazifascismo na Europa, testemunhamos uma ressurgência de práticas fascistas. Líderes políticos alinhados com os princípios fascistas alcançam o poder em várias regiões, como é o caso dos EUA com o Donald Trump e o Brasil com o Jair Messias Bolsonaro. Dentre as reflexões proporcionadas na obra *Critica do fascismo*, retomamos algumas vivências bolsonaristas como o culto à masculinidade, veneração fálica, as distorções sobre a educação sexual nas escolas diante do projeto *Escola Sem Homofobia*, propagando mentiras como o kit gay; as paranoias da Damares (que ocupou um cargo de ministra da mulher, da família e dos direitos humanos) nos mais diversos assuntos, dentre eles sobre as crianças; mobilizando setores conservadores que protestaram, por exemplo, contra o aborto que uma criança de 10 anos de idade, violentada sexualmente, realizaria.

Para as possíveis reflexões que ressoam na obra, podemos resgatar um pensamento em Foucault no qual ele identifica uma herança do cristianismo na nossa noção de repressão, autocontrole e renúncia de si. No fascismo, o indivíduo está desconectado de si. A ideia do cuidado de si, por exemplo, na Grécia antiga, possibilitaria uma educação do viver equilibrado e temperante, no sentido de estetizar a existência, para posteriormente, saber cuidar da polis.

Neste processo de subjetivação podemos perceber, por exemplo, que a noção de aborto para uma mulher não é a mesma para um homem. No caso da criança que citamos nestas linhas, podemos refletir o que é mais relevante: um grupo de pessoas que não sofre com a situação, mas veste uma máscara de cidadão de bem para esconder a sua realidade íntima; ou a urgência de uma criança que corre risco de vida em continuar com a gravidez fruto de violência sexual? Violência, frequentemente esperada como algo ausente em ambientes que deveriam oferecer proteção, como o seio familiar, revela-se, em muitos casos, como um cenário de abusos. No caso da criança, o agressor foi o próprio tio. Precisamos entender onde pautamos as subjetividades e promover novas e melhores formas para não sermos governado por outros.

Porém existe uma lógica neoliberal que tenta se aproveitar deste movimento, mas distorce a realidade, como por exemplo, a noção de empreendedor, fazendo com que as pessoas acreditem que são donas dos próprios negócios, autônomas e livres, quanto na realidade continuam condicionados a outras figuras de poder sob uma nova roupagem, por vezes em condições trabalhistas precárias, sob uma aparência de ser empreendedor.

Diante da perspectiva de que o capitalismo promove o fascismo, podemos lembrar da frase de Brecht que diz que “a cadela do fascismo está sempre no cio”. E assim, a produção capitalista vai ampliando os seus espaços, destruindo e desumanizando as pessoas. Fazemos valer a espetacularização da vida no nosso cotidiano, no que assistimos, ouvimos, compramos, na nossa forma de ser e viver. Neste ritmo, somos mais controlados do que nunca e propagamos o poderio do capital, do qual nós somos a mercadoria.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antônio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

ALTHUSSER, Louis; RANCIÈRE, Jacques; MACHEREY, Pierre. **Ler O Capital**. Vol. 1 Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, pp. 11-74.

BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**. Frankfurt, Suhrkamp, 1985.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo. Martins Fontes. 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MARCUSE, Herbert. **Tecnologia, guerra e fascismo**. Trad. Maria Cristina Vidigal Borba, São Paulo, Ed. Unesp, 1999.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Editora Boitempo, 2005.

MASCARO, Alysson Leandro Barbate. **Crítica do fascismo**. São Paulo: Editora Boitempo, 2022, pp. 13-40.

MASCARO, Alysson Leandro Barbate. **Estado e forma política**. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

NAVES. Márcio Bilharinho. **Marxismo e direito: um estudo sobre Pachukanis**. São Paulo: Editora Boitempo, 2000.

PACHUKANIS. Evguiéni Bronislavovitch. **Teoria geral do direito e marxismo**. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Trad. Maria da Graça M. Macedo, 3. Ed., São Paulo, Martins Fontes, 2001.